



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO IV

Nº 15

MAIO-JUNHO 94

EDITORIAL

Nos dias que passam, torna-se cada vez mais difícil enfrentar o cotidiano. Ao amanhecer, os pensamentos voam célebres na direção de bons augúrios e as esperanças renascem, como renascem as folhas que caem no outono. Sonhos, ilusões, anseios, tomam corpo e o ser humano seu horizonte em busca de nuvens róseas que lhe picoterem o caminho. Não desanima, não vacila, não teme os nimbos das borrascas e prossegue sempre no afã de melhores oportunidades. Porque a vida é uma eterna esperança e aí de quem a perde nos escolhos do pessimismo. Quem vive, deve e tem o dever de encarar as vicissitudes como inerentes à existência e nada de desanimar, de considerar os eventos como um castigo de Deus por imaginárias faltas. Nada disso. Basta imbuir-se da convicção de que somos itinerantes na longa ou curta estrada que nos foi dada. Levemos conosco as horas alegres e os êxitos e nada de lamentações, que nada produzem. Caminhemos de frente erguida e alma lavada com mirra e incenso e lancemos para o tonel dos tempos os resíduos das coisas que nos podem ter malferido.

Oyama Ituassú

OUTRO SONETO AO MAR

JORGE TUFIC

*Que este mar sobre o verso não recorde
o mar, tampouco os versos que lhe atiram;
são peixes de outras águas, luz que morde
a pele do trovão, astros que expiram.*

*Seja este mar um solitário acorde,
fúrias de mim, projetos que sumiram
trabalhados no caos; sereno Lorde
a fumar onde os ventos não deliram.*

*Livre dos nautas e descobridores,
este mar é retina, fogo, imagem
de espaços e massacres fundadores.*

*Tem força, e não resiste; luta, anseia
como qualquer molusco; e, logo, é viagem
que se fecha, a luzir, num grão de areia.*



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

NUNES PEREIRA

Um Cientista Lírico

PADRE NONATO PINHEIRO

É conhecida a secura ou aridez dos cientistas na composição de suas obras, posição até certo ponto compreensível e legítima, já que a ciência é, de sua natureza, austera e objetiva, dispensando os recamos e as louçanias da literatura, da eloquência e das artes, em geral. A literatura é a arte literária, e o artista preocupa-se com o sentido e a plenitude da beleza. Dele diremos o que disse lindamente a Escritura Santa daqueles Varões Insignes, que viveram com a volúpia da beleza: "Pulchritudinis Studium Habentes"! (Livro do Eclesiástico).

O homem de letras, a não ser que se trate de um borra-tintas ou um tamanqueiro, esmera-se em suas produções, chegando alguns ao requinte (que não exige) de transformarem suas páginas em obras de arte, esculturas marmóreas, vasos alabastrinos, cromos, enzeleduras, vitrais, cornucópias e arranjos de rosas, acanto e louro!

O mundo da ciência não conhece ornatos e arabescos, nem se engalana de púrpuras e damascos, mas investiga com frieza a fosforescência do vagalume e a fissura do átomo!

A verdade nua e limpa é que Nunes Pereira, antes de ser o cientista qualificado nos domínios da antropologia cultural, da flora, fauna, potamografia, limnologia, climatologia, bromatologia e mitologia da Amazônia, já se notabilizara como primoroso homem de letras, inspirado poeta simbolista, que muito de indústria escolheu para seu patrono na Academia Amazonense de Letras, da qual foi um dos fundadores, o autor incomparável dos Faróis e dos Broquéis, o glorioso negro de imaginação de ouro, Cruz e Sousa!

Devo à minha pachorra e volúpia no trato da pesquisa o conhecimento que tenho da obra literária de Nunes Pereira. Passei muitas horas nos porões do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual sou membro efetivo e benemérito, a consultar as coleções dos antigos jornais de Manaus. Encontrei sonetos lapidares do autor de "Moronguetá" e "Panorama da Alimentação Indígena", poemas verdadeiramente antológicos, de sonoridade verlainiana!

Os caminhos da vida ou a própria imposição da sobrevivência deram-lhe outra orientação intelectual, com incursões pela ciência. Como quer que seja, quem o ler, mesmo de inopino, logo percebe o cientista lírico, cuja formação literária suaviza e aveluda suas elucubrações científicas! Enganam-se pois, os que supuserem que o cientista asfixiou e extinguiu o primoroso homem de letras, como na imagem do apuizeiro das florestas amazônicas, estrangulador de espécies vegetais...

A obra literária de Nunes Pereira pede meças à obra científica, só que a primeira azula nos longes de sua mocidade, mas persiste, árdega e garrida, nos jornais e revistas do passado, na Revista da Academia Amazonense de Letras e nas conferências literárias que proferiu, assim no Amazonas como alhures. Recordo-me de uma palestra magistral que pronunciou na sede de nossa Acrópole Literária sobre as grandes figuras que a enramaram de louros e mirtos. Ao império de sua admirável evocação, aqueles vultos olímpicos ressuscitaram, retornando redivivos ao recinto azul da academia revestidos de clâmides refulgurantes, sob os

olhares atônitos do presidente Péricles Moraes e de seus confrades, cabendome a honra e o júbilo de encontrar-me entre eles!

Nunes Pereira correspondia-se com o famoso antropólogo Claude-Lévi Strauss, o celebrado mestre de "Triste-Tropiques", "La Pensée Sauvage", "Le cru et le cuit" e "Du miel aux cendres" que o tinha no mais alto conceito científico. Revistas especializadas em antropologia cultural e tribos indígenas brasileiras disputavam a publicação de seus trabalhos, tal o recorte científico que os distinguia!

E que dizer do boêmio?! Sua vida boêmia não o impediu de atingir a mais prolecta senectude, acentuadamente luminosa, conservando até ao ocaso de sua longa existência, referto de ouro e matizes policromos, como o crepúsculo do sol, a força extraordinária de sua portentosa mentalidade! E suas rodas escocesas eram verdadeiros triclinios de letras e saraus de cultura, sempre cercado de intelectuais.

Eu sugiro a meus ilustres Pares da Academia que a cadeira que o grande maranhense ocupou, passe a crismar-se com o nome de NUNES PEREIRA, e que seja dado o seu nome, pela Prefeitura Municipal, a uma rua ou logradouro público de nossa capital, pelo muito que o nosso Amazonas lhe ficou a dever, assim nas ciências como nas letras!

Parodiando um lúcido espírito francês, proclamo, entoando a antífona de minha admiração fervorosa, após incensar com redolências seu túmulo em flor:

"Uma águia gigante sobrevoou nosso espaço!..."

A depressão e a exaltação de viver de bem com a vida

CARLOS DE ARAÚJO LIMA

Congresso Nacional - fator de depressão nacional. Em síntese, não dão número quando se trata de cobrar dos banqueiros, empresários e ricos o mesmo tributo que impuseram ao povo. Não contentes com isso, em meio a tantas demonstrações de absoluto vazio de sentido público, ficam cegos à evidência do esforço de todos para a recuperação em favor de todos no Brasil e se permitem, numa votação imoralíssima, indecente mesmo porque secreta, se conceder aumento, implicando essa iniciativa em fabuloso assalto no erário público e na bolsa do povo e incentivo à inflação.

Congresso brasileiro, salvo as exceções da praxe, fator de depressão nacional! A salvação, está na filosofia. Há mais de quatro mil anos o poeta Lao-Tsé sentenciava: "o que é bom eu digo é bom! O que é mau eu também digo, é... bom..." Vamos ver o que dessa enxurrada de atos tão contrários à moralidade pública e à restauração nacional o que se pode salvar de "bom". Vamos ver.

Primeiro, temos o que merecemos. Estamos pagando pela nossa incapacidade de votar bem. É ver bem isso e tudo fazer para nos venceremos de que a miséria é a grande culpada, pois com barriga vazia é difícil escapar à tentação de vender o voto aos calhordas que o compram para se eleger. Além

Congresso não quer saber do esforço do povo brasileiro

dessa introspecção profilática, há que lutar democraticamente, por todos os meios, para acabar com a votação secreta. É latrina da vontade de apuração democrática. Sem transparência não há como o leitor fiscalizar o eleito. A um psicólogo amante de análise da alma humana é sedutor parar um pouco para escafandrar o que se passa dentro desses maus brasileiros travestidos de deputados e senadores. Para eles não há por que gastar atenção com problemas de relevância pública. O que interessa, o que vale são eles mesmos. Seus negócios, seus interesses escusos, a começar pela absoluta indiferença à reação pública, aos ditames mais elementares da moralidade. E, como uma vontade de enternecer, legislam em causa própria, frios, insensíveis, só vendo o próprio ângulo pessoal.

Por isso meus amigos, temos, é claro, de tomar conhecimento de tudo isso, fazer da consciência dessa cruz um meio de purificação democrática, aprender a selecionar valores, muito importante, não nos deixarmos contaminar pelo pessimismo e pela depressão. Cultivar,

Legisladores de causa própria são indiferentes ao caos

apesar de tudo, o gosto da vida. Tendo

o cuidado de valorizar e degustar o que vale mesmo.

Por exemplo, ouvindo Liszt e salvando auditivamente o piano de Cláudio Arrau, pego nos discursos acadêmicos que o dinamismo de Olyma Ituassú está estimulando na Academia Amazonense de Letras. Arlindo Porto, saudado naquela academia famosa pelos valores que por lá passaram, saudado por Bernardo Cabral. Áureo Nonato lá recebido e homenageado na palavra de Paulo Jacó. Todos eles disseram mais do que falaram. Não mais o discurso acadêmico, frio, expressão única de um lavor de ourives verbal. Não mais o discurso solene, formal, rígido e sem alma. Em Arlindo, Bernardo Cabral, Áureo e Paulo Jacó a mensagem humana.

Discursos sim, da própria vida. Que espalha ação, lágrima, riso e, principalmente, ternura. A ternura é o orvalho do espírito. Todos orvalhados, alegria de estar na terra e tentar corresponder à sua grandeza nas culminâncias de evocar com beleza e sentimento o que viveram e o que fazem. Temos, sem favor, na Academia Amazonense de Letras, uma demonstração das mais positivas do quanto o homem do Amazonas sabe, pelo espírito, corresponder à grandeza da terra em que vive.

Carlos de Araújo Lima é advogado e escritor

Ayrton Senna da Silva

João Chrysóstomo de Oliveira

TRIBUTO de exaltação à obra e à memória do imortal ÁS e de pesar por sua morte trágica aos seus pais e a toda nação brasileira em moção aprovada pelo Conselho Estadual de Cultura do dia 05 de maio de 1994.

*Ayrton Senna, símbolo de audácia
A disparar seu carro sobre a terra,
Que teve, na sua rota, a perspicácia
De ver sua vida exposta a grande guerra:*

*Guerra contra os patronos mercenários
Sedentos do ouro da velocidade,
Guerra contra os vizires argentários
Que olham o "sócio" com desumanidade*

*Correste, ó grande AYRTON!
com heroísmo*

*Pela causa que abraçaste com fervor,
Correste sem temer o hiante abismo*

*Correste com espantoso destemor
Enfrentando o cruento barbarismo
De te imolarem, para nossa dor!*

A difícil arte da biografia

Newton Sabbá Guimarães

"The memory of it however had almost passed away".

Walter Pater in Marius the Epicurean.

Acredito que poucos povos dedicam tanta atenção ao gênero biografia quanto os americanos, uma herança natural de seus maiores, os britânicos, com quem a biografia atingiu cumes poucas vezes atingido na história literária. Visitava, certa ocasião, grande livraria em Miami North e quis ver a secção de biografias: era simplesmente e assustador o número de biografias, livros sobre a vida e feitos das mais variadas personalidades, de estadistas e políticos famosos, a escritores, descobridores e cientistas até estrelas de cinema que o tempo decerto apagará não apenas das telas de cinemas e de revistas das celebridades do momento, mas da curta memória dos homens. Os americanos descobriram o gênero com o estardalhaço e a ingenuidade com que tudo fazem e lhe emprestaram um tom coloquial, simples, da notícia de jornal que falta à maioria das biografias em outros países. A biografia, entre os americanos, passou a ser a recortagem de uma vida, correntia, simples, desataviada, emocional, muitas vezes escandalosa, em que se prende mostrar uma personalidade sempre como vencedora. Não são profundas, como regra geral, mas servem sempre de estímulo para os leitores. Se um astro dos desportos, um comerciante ou industrial, um pastor, um político, uma estrela de

cinema sabem acima da craveira comum, é mais do que certo ganharem uma biografia escrita por um jornalista de prestígio ou por alguém que se quer projetar na sombra do biografado. Se a essas biografias falta uma conclusão psicológica, se faltam aqueles modos conspícuos que todos esperam de uma obra de gênero, elas carregam consigo o cunho da atualidade e do momento, o **dernier cri** e também, infelizmente, o ferrete da enfermidade. Aliás, o efêmero, o passageiro, parecem perseguir com garras de ferro a biografia. Ou muitas biografias, E obras verdadeiramente primorosas, bem escritas, com sólida documentação, desaparecem na fome dos anos, no pesado pó do esquecimento e jamais ressurgem. E penso agora em **The life and Letters of Jonh Hay**, em dois grossos volumes, que a pena mágica de William Roscoe Thayer faz reviver em um cenário vastíssimo que cobre boa parte da agitada vida americana dos dias da Guerra da Secessão, em uma visão histórica de grande profundidade apesar de, logo no prefácio, o autor haver advertido que "**this is a personal biography and not a political history**". Não obstante ter tido várias edições no passado, desde que apareceu em 1915, jamais ouvi qualquer referência a ela e nunca li, até hoje, a menor palavra de elogio.

E o autor, além dessa biografia deixou-nos outra, igualmente bem escrita, **Life and Times of Cavour**, em dois volumes, e ainda um curioso estudo sobre **Throne-Makers**, em que recria a vida e os efeitos de homens representativos como Bismarck e Napoleão III, Kossth e Garibaldi e outros. Teve seu momento de glória e sumiu, como tantas coisas somem. Os livros têm o seu fado, já diziam, deterministicamente, os antigos. **Fama volat** é também outro dito muito importante para essa coisa e que tem dúplice sentido: que voa expandindo-se e que voa para longe. Livros medíocres têm o seu dia amparados por uma admiração tola, por uma propaganda bem feita, por um momento qualquer de sorte, pois para tudo na vida, há que ter sorte, e dizia meu venerando avô em casa de meu Pai, que até a Torah precisa ter sorte para ser lida no shabbath...

E retomo o fio, que se meia, como novelo caído ao chão e por todos arrastado. Retomo o fio, com uma pergunta: haverá uma arte da biografia ou existirão muitas quantas necessárias, para que a biografia surta seus efeitos como leitura moralizadora e estimulante? Como encarar a ecritura da biografia? O que é biografia?

Os daridari

(para Oyama Ituassu)

Jorge Tufic

Montanhas, crateras e rios,
guardaram por muitas luas
esse povo de sombras caladas,
no entanto, que sabia rir,
mas não sabia caçar.
Os Daridari, porém, gostavam do assovio
para atrair passarinhos.
De mãos estendidas
colhiam seu pouso.
Ali, também, os frutos
gorjeavam nas árvores;
e as manhãs adoçavam os caminhos
na boca dos sapos.

Um dia, contam,
os brancos romperam do mato,
enquanto essa gente bebia e dançava
festejando o arco-íris.
Plumas e aragens cantavam
pelos seus arredores.
Surpresos com isso,
os estranhos se fizeram de amigos,
ensinaram os Daridari a caçar.
No outro dia, partiram.
Tempos depois dessa mudança,
todas as aves que pousavam em suas mãos
fugiram para sempre

Na terceira geração de caçadores,
os brancos voltaram de novo.
As rochas do lugar pareciam
demônios petrificados.
Uma gruta imitava uma boca
torcida para o lado do rio.
O ar estava cheio de gemidos
e gritos sufocados.
Uma chuva parou no caminho.
Suas gotas salgavam as águas,
matam os peixes.

Aí, então,
aqueles homens souberam, afinal,
que os Daridari já tinham, inclusive,
aprendido a chorar.

Daridari - (lg, nheengatu). Cigarra. Antiga aldeia indígena, no Município de Barcelos-Am (Dic. Tupi-Português Português-Tupi, de Octaviano Mello

NOTAS ACADÊMICAS

Realizou-se no dia 6 de junho último a recepção do acadêmico eleito Moacyr Couto de Andrade. Foi uma solenidade brilhante, com a presença dos representantes do Governador do Estado e do Tribunal de Justiça, dr. José Fernando Teixeira, Sub-Secretário de Economia e desembargador Paulo dos Anjos Feitosa e Comandantes da Base Área e Comando Naval, além de numerosa assistência. O discurso de Moacyr Couto de Andrade e a recepção proferida pelo acadêmico João Chrisóstomo de Oliveira, foram vivamente aplaudidos.

Está marcada para 05 de agosto a posse da acadêmica eleita Rosa Mendonça de Brito, que ocupará a cadeira nº 6, tendo como patrono Adriano Jorge. O último ocupante foi o escritor João Nogueira da Mata.

Aniversariam no mês de junho os acadêmicos João Chrisóstomo de Oliveira no dia 8, Manoel Bastos Lira no dia 6, Elson Farias no dia 11 e William Rodrigues, no dia 25. Todos foram cumprimentados pela Presidência.

Está no prelo o romance "Um rio e suas histórias", de autoria do acadêmico Oyama Ituassú. O lançamento está previsto para setembro próximo.

Estão programadas as posses dos acadêmicos eleitos Rosa Mendonça de Brito para agosto, Agnelo Uchôa Bittencourt para setembro, Jauary Guimarães de Souza Marinho para outubro e Gebes de Melo Medeiros em novembro, ficando então encerradas tais solenidades no corrente ano.

